

O SIGNIFICADO POLÍTICO DA EDUCAÇÃO PARA O MST COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DE HEGEMONIA

Jetson Lourenço L. da Silva
Doutorando em Serviço Social – UFPE
Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Marxista – UFPE

RESUMO

Esse trabalho busca problematizar sobre como a educação se constitui numa mediação imprescindível para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no sentido de tensionar a hegemonia dominante, ou seja, aquela construída pela classe dominante econômica e politicamente. A educação, nesse sentido assume um significado político de determinação para construção de outra hegemonia que oriente à sua base militante um comportamento, visões de mundo, valores e cultura que se coloque em rota de colisão com a ordem projetada pela sociedade capitalista. Trata-se aqui de uma exposição de considerações acerca de pesquisa empírica ora realizada em documentação que dão diretrizes à prática educativa do movimento, além de pesquisa empírica de entrevistas com membros do MST. Essa pesquisa encontra fundamentação teórica para suas problematizações em referencial teórico da tradição marxista, em especial aquela elaborada pelo ítalo-sardo Antônio Gramsci.

Palavras-Chave: Educação; Hegemonia; MST.

RESUMEN

Este trabajo plantea cuestiones acerca de cómo la educación constituye una mediación necesaria para el Movimiento de los Sin Tierra (MST) para tensar la hegemonía dominante, es decir, la construida por la clase dirigente económica y políticamente. La educación en este sentido adquiere un significado político de determinación para la construir otra hegemonia, por lo tanto, guiar comportamiento, visiones del mundo, los valores y la cultura a sus militantes de base que se encuentra en curso de colisión la sociedad capitalista. Aquí estan presentes consideraciones de exposición de la investigación empírica celebradas en la documentación que dan directrices a la práctica educativa del movimiento, así como entrevistas de investigación empírica con los miembros del MST. Esta investigación tiene las bases teóricas de sus problematizaciones en la tradición teórica marxista, en particular, la producida por Antonio Gramsci.

Palavras clave: Educación; Hegemonía; MST

INTRODUÇÃO

O presente trabalho proposto a I Jornada Internacional de Estudos e Pesquisas em Antônio Gramsci (IJOINGG) é uma síntese expositiva e problematizadora do resultado de pesquisa vinculada a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), a qual teve como objeto de investigação e estudo *a relação entre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e o significado político que assume a educação para o movimento na disputa pela construção da hegemonia social*.

A questão central que guia aqui o desenvolvimento e a problematização dos resultados tem como escopo compreender em que sentido a educação se constitui para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) numa mediação para construção da hegemonia, ou de maneira mais precisa: como uma determinação na disputa pela construção de uma hegemonia que se contraponha a hegemonia dominante da classe dominante. Com base nisso, as bases teóricas desse trabalho se fundam na tradição marxista a partir das elaborações do intelectual e comunista ítalo-sardenho, Antonio Gramsci. Dessa forma, a categoria hegemonia torna-se nesse trabalho na principal chave conceitual para análise e problematização do objeto de estudo. Não obstante, vale salientar que dado os limites desse trabalho não será possível aprofundar teoricamente a problematização da noção de *hegemonia*¹ - desenvolvida por Gramsci - numa devida articulação com a problematização e considerações dos resultados do estudo apresentado nesse trabalho.

Para chegarmos às considerações que aqui traçamos nos valem como fonte empírica de entrevista realizada com membro do setor de educação do MST no Estado de Pernambuco², bem como de análise do documento “Caderno de Formação nº 18”, ora

¹ Em Gramsci (1986) é possível encontrar uma leitura mais profunda e acurada sobre a *hegemonia*, que na obra do referido pensador se constitui não sob forma de definição ou conceitual, mas constitui a partir de uma análise concreta de uma situação concreta determinada pela gama de mediações da totalidade social decorrente da articulação dialética entre o espaço da economia e da política. Porém para o pensador a hegemonia vai se tornar tangível no momento do consenso, da adesão a um projeto societário, por isso é que a hegemonia também como prática conforma posicionamento e comportamento político, que ora se fazem eivados de concepções, valores, ideologias – manifestações próprias do mundo da cultura.

² A escolha do Estado de Pernambuco como delimitação espacial para coleta de entrevista com membros do MST teve como razão primeira a maior facilidade para coleta dos dados, já que o pesquisador reside em

intitulado de “O que queremos com as escolas dos assentamentos”, pois forneceram informações para compreensão do papel político-formativo que foi atribuído à prática educativa e a escola no preparo da base militante do movimento.

DESENVOLVIMENTO

1.1 – Educação: uma mediação à hegemonia

No pensamento gramsciano, herdeiro da tradição inaugurada por Marx e Engels, constata-se uma particular preocupação com a questão educacional, ela assume nas análises de Gramsci função política e projeta-se através da escola como um aparelho de hegemonia inserida no tecido social. Por isso, se manifesta como espaço de tensões latentes, um lócus de imposição de valores, concepções e legitimação da dominação, mas que inclusive pela própria natureza de tensão que comporta, pode configurar-se também como espaço de manifestação de resistência e revelação das contradições inerentes à sociedade capitalista.

Destarte, a educação se constitui como um complexo social que abarca campos de tensão em que serve a consolidação da hegemonia da classe dominante, mas que também em determinada situação abre probabilidade para a iniciativa da classe trabalhadora, isso consequentemente tem implicação intelectual, moral, filosófica e política.

É na sociedade civil que se realiza a produção material da vida social e sua reprodução ideológica, é o lugar em que se vivenciam as relações sociais de produção, a cultura, a política, é o espaço em que se concebe uma visão determinada do mundo, uma pedagogia e filosofia afinada com essa visão determinada de mundo. Por isso, a sociedade civil é o lugar de construção da hegemonia, o lugar onde até aqui a classe fundamental do capital obteve consenso em prol de um objetivo, a ponto de exercer o domínio e direção política. Entretanto,

Pernambuco, a segunda razão diz respeito ao tempo e tradição de luta que o MST tem nesse Estado. É importante lembrar que delimitar a entrevista a esse único Estado, em tese, não compromete o escopo da pesquisa, pois o MST segue no seu conjunto as mesmas diretrizes e orientações acerca da formação educativa, embora tenha uma estrutura organizativa descentralizada montada em cada Estado ou unidade da federação do Brasil.

é também o lugar que contraditoriamente se caracteriza pela luta em razão da construção dessa hegemonia.

Os aparelhos de hegemonia são mecanismos que tornam tangíveis a luta hegemônica e cumprem a função de reproduzir na “guerra de posição” tanto os interesses de classe do capital como contraditoriamente colocarem-se de encontro a esses interesses.

Não é por acaso que o estudo, a educação e a formação são apontados como questões chaves para o MST em documentos que orientam sua formação educativa, a aproximação desses três pontos não se trata de um arranjo tautológico. O ponto que diz respeito ao estudo, educação e formação é indicativo que o sentido particular de cada um desses elementos conduz no fundo ao arranjo entre si diante das amarras das estratégias de efetivação do projeto político do MST, porque carrega um sentido ao mesmo tempo pragmático e político.

A leitura de documentos e diretrizes elaboradas pelo movimento indica que os três pontos se associam à organização e, sobretudo, aos objetivos do projeto político do movimento porque a *educação* faz parte não só de uma das bandeiras de luta que passou a impor em sua trajetória, como também é estratégica para *formação da militância*. Somente com muito *estudo e habilidade* de apreensão crítica da realidade que se é capaz de compreender as contradições que a ordem capitalista impõe ao conjunto dos trabalhadores rurais sem terra, de modo a transformar essa realidade e assim poder enfrentar tais contradições, portanto educação é um caminho estratégico para formação política do MST.

Estudar é um direito e a escola do campo deve ter uma educação que contribua para que os trabalhadores rurais se apropriem de sua história, tornando-se sujeitos com capacidade de transformar a realidade social donde vivem. Trata-se de uma educação que combine o estudo com o trabalho, cultura e organização coletiva, [...] uma educação que recupere valores socialistas. (Caderno de Formação – MST nº 18, 1991, p. 14)

Na avaliação de liderança³ local que integra o Setor de Educação do MST/PE, a formação do setor deu-se,

³ Os nomes dos entrevistados que ora aparecem nessa pesquisa serão referidos apenas com as iniciais de nomes escolhidos de maneira aleatória e fictícia para preservar a identidade real dos mesmos, assim tais iniciais não representam ou não são as reais iniciais que compõe o nome dos entrevistados. Isso foi feito em respeito à

[...] muito como resultado da sistematização das experiências já existentes nos assentamentos de outras regiões. De regiões onde vieram as primeiras lideranças para compor o MST em Pernambuco, como foi o caso principalmente da Bahia. Coube a essas lideranças a responsabilidade de organizar o Coletivo Estadual como necessidade de reivindicar e garantir o acesso à educação, difundir o projeto político do movimento, bem como de formar seus militantes. Mas as primeiras iniciativas para organizar o setor encontraram muitas dificuldades porque muitas das lideranças não eram de Pernambuco e eram lideranças que não tinham tanta proximidade ou entendimento da questão. [...] pelo que sei não havia ninguém que veio organizar o movimento aqui que tivesse formação na área da educação ou tivesse proximidade na região de onde vieram, mesmo que dentro do movimento, isso dificultou a ideia de colocar em prática as experiências trazidas de outras regiões para Pernambuco, [...] as primeiras lideranças com formação ou proximidade com a questão só se incorporaram já quando o movimento estava mais consolidado aqui. Também por isso no início do MST em Pernambuco a questão da educação não fosse tão prioridade [...], houve muita dificuldade para consolidar o MST no estado e, por isso a educação não tornou-se a princípio prioridade. (ENTREVISTADA L. M. em 27/12/12, Coordenadora do Coletivo Estadual de Educação - MST/PE)

A princípio a educação adentrou na pauta do MST através de uma questão pragmática, que era a necessidade de escolarização infantil, juvenil e adulta dos militantes, mas logo despertou na direção da organização que a educação tratava-se também de um espaço estratégico de formação e por isso precisava ser tomada e/ou direcionada pelo próprio movimento a partir de seus interesses.

O Setor de Educação foi criado para que assumisse a condução e planejamento da prática educativa justamente porque ela passou a ser fundamental para a organização e deveria, portanto, estar atrelada aos interesses do movimento e a ele apresentar afinidade, mas isso se deu de maneira processual. A emergência da prática educativa no MST ocorreu em razão de atendimento a uma necessidade imediata e pontual, para só depois ascender à condição de ferramenta política afinada com os interesses do MST.

Em entrevista com membro que integra a coordenação estadual do MST em Pernambuco, que em relato oral aborda sobre a constituição da educação como pauta do movimento em âmbito nacional, traz então subsídios para se compreender o momento de passagem entre a dimensão pragmática da prática educativa para o MST à dimensão política.

carência de autorização formal para publicação expressa por comitê científico e, sobretudo em respeito à solicitação de um dos entrevistados.

[...] a luta pela educação no movimento foi iniciada quando se organizaram as equipes de trabalho para cuidar da educação formal da base, mas o ponto inicial mesmo foi quando se começou os debates nos acampamentos sobre a necessidade de educar a base. No início essas equipes tinham o objetivo de reunir as crianças e jovens, os adolescentes, para conhecerem-se e de alguma maneira, participar de atividades que são próprias das escolas, como a socialização de conhecimento. Depois de algum tempo se integraram a essas equipes professores que o poder local, os municípios disponibilizaram onde os acampamentos e, sobretudo os assentamentos já estavam consolidados; isso é claro depois de muita luta. Mas antes mesmo disso, surgiram as primeiras dificuldades e incrivelmente elas vieram de parte da direção e da base, pois diziam que estavam ali para conquistar a terra e não escola. Só mais tarde que despertaram a importância da educação e foram a luta por escolas e depois que conseguimos algumas conquistas é que surgiu outras dificuldades. Faltava sintonia entre os professores enviados pelo poder público e o MST. [...] foi aí que veio a certeza que a escola e a educação ligadas ao movimento não podem ser iguais às escolas tradicionais e a educação não pode ser outra que não seja para auxiliar também na formação política, por isso precisa ser diferente, foi justamente precisando definir qual é essa diferença que o MST deu outra importância a educação”. (ENTREVISTADA R. S. S. em 18/12/12, Coordenadora do Coletivo Estadual de Educação - MST/PE)

Só é possível compreender a passagem do sentido prático e político da educação no MST se a observação e aprofundamento da análise a ser feita não permanecer bitolada a compreender o sentido da educação como uma ação restrita e única ao espaço escolar e meramente enquanto forma de socialização de conhecimento. Para o movimento a prática educativa guinou, de uma ação imediata concernente à necessidade de viabilizar o acesso à educação formal a crianças, jovens e adultos que integram a sua base, para o entendimento de que nela está inerente uma possibilidade de formação, então a educação ganhou a acepção de formação humana, assim adquiriu um significado político, porque toda formação humana está associada a um contexto, a um projeto e a um objetivo.

O trânsito operado entre um patamar imediato da educação a um patamar mais complexo, elevado e de uma acepção mais profunda deu-se de maneira processual, não foi uma operação mecânica de passagem instantânea de um momento a outro. Essa passagem foi condicionada pela emergência de contradições por efeito à lógica e objetivos do MST que se colocam em rota de colisão direta à lógica e objetivos do ordenamento social em voga.

Tal passagem supramencionada viabilizou-se quando o movimento passou a compreender a educação inserida como um elemento da totalidade social, inscrito numa

dinâmica histórica, política, econômica e cultural, que inclui também a educação formal cuja escola se insere como o principal espaço, já que a pauta pelo compromisso educativo dentro do próprio movimento a princípio apresentava resistência e não tinha completa adesão, pois a ela se atribuía o risco de desvirtuação da luta e objetivo central do MST. Mas foi principalmente quando o MST alcançou a consideração de que a educação constitui vínculos com outras dimensões da realidade, que não seja apenas transmitir conhecimento já constituído; somente a partir de então a educação adquiriu valor estratégico e relevância organizativa, além de estrutural para o movimento.

O MST se estrutura através de diferentes instâncias de representação e atividades internas, que se reúnem em diferentes espaços e modalidades: núcleos, coordenações, direções, encontros e congressos. Os núcleos são formados pelas famílias que integram o movimento em acampamentos e assentamentos, que por sua vez elegem coordenações para articular determinada atividade em instâncias regionais. Por seu turno, das coordenações regionais é que se estruturam as direções nacionais eleitas a partir dos encontros regionais para compor o congresso nacional e assim estabelecer os objetivos, planejamentos e diretrizes de cada setor de atividade, como é o caso do Setor de Educação criado em 1987 que passou a ter capilaridade nas instâncias organizativas do MST, com isso apresenta elos desde a base local até as instâncias nacionais.

É corrente na sociedade atribuir a escola como referência para o campo educativo, o Setor de Educação do MST enquanto instância responsável pela atividade de formação educativa também tem na escola sua principal referência de atuação, todavia amplia o campo educativo voltado a atuação formadora para além da escola, por conseguinte incorpora as ações de luta e experiências inerentes ao movimento como espaço para formação humana que objetiva o MST, com isso o campo educativo no MST ultrapassa a escola.

A pedagogia do movimento põe em movimento a própria pedagogia mobilizando e congregando em sua dinâmica diversas e combinadas matrizes pedagógicas. O MST ao pensar a formação humana, mistura e transforma diferentes componentes educativos, produzindo uma síntese pedagógica que não é original, mas também não é igual a qualquer pedagogia já proposta, exatamente porque sua referência está no movimento. (CALDART, 2000, p. 122)

A preocupação com a educação no MST surgiu logo após o limiar da sua formação, as primeiras iniciativas acerca desse campo ocorreram no Centro-sul do país donde se reuniu as primeiras equipes de trabalho voltada ação educadora. O jeito de organizar o trabalho de mobilização e reflexão inicial acerca da educação nos acampamentos e assentamentos foi efetivado por meio das equipes de educação, compostas por professores e integrantes do próprio movimento que possuía afinidade, alguma formação ou sensibilidade à questão. Aos poucos essas equipes passaram a ser parte integrante e indispensável às estruturas organizativas nos acampamentos e assentamentos.

Esse processo culminou com o I Encontro Nacional de Assentamento organizado em 1987 pelo MST com o propósito de iniciar uma discussão que articulasse um trabalho que já se desenvolvia em alguns estados, mas que não apresentava uma linha articulada e orgânica de ação com o próprio movimento. Tal situação levou o MST a constituir nesse mesmo ano o “Setor de Educação⁴”, ou os chamados “Coletivos Estaduais de Educação” em cada estado, com o propósito de articular diversas ações educativas que ocorriam espreiadas em acampamentos e assentamentos, de modo a atribuir essas ações um padrão, aspecto e sentido que se afinasse com movimento.

Dessa maneira, a principal função do Setor de Educação diz respeito a ser o setor de atividade com a responsabilidade de articular e potencializar as experiências educacionais já existentes, bem como de ser ao mesmo tempo o responsável por organizar os trabalhos voltados à educação donde esses trabalhos surgiram de maneira espontânea ou tivessem sido incorporados pelo Estado através do serviço escolar.

Além disso, o escopo fundamental do Setor de Educação é articular e potencializar a atividade educativa no sentido dela poder ser contribuinte do projeto político do MST ao incorporá-la em sua dinâmica, dotando-lhe de organicidade ao possibilitar que ela percorra o conjunto das instâncias que constitui a organização, desde a base do movimento até a sua direção e se incorporar nas dimensões de sua luta.

⁴ O Congresso Nacional de Educação do MST é a instância máxima de deliberação e decisão apontada para ações dos Setores de Educação/Coletivos Estaduais de Educação. É nele donde se projeta as linhas, planejamentos, diretrizes e objetivos pertinentes às dimensões do campo educativo a ser seguido nas organizações do movimento em cada estado.

[...] então é assim que isso vem dentro da concepção que o movimento aos pouco começou a dar a educação [...]. Quando ele se constitui na década de oitenta com o objetivo de reunir milhares de famílias sem terra a preocupação inicial era dar resposta aos militantes e filhos dos militantes que estavam na luta, aí surgiu o trabalho voluntário com a educação e com as primeiras conquistas das escolas foi que surgiu incontornavelmente a necessidade de se pensar uma educação específica para o MST, ou com aquela perspectiva ou para aquela concepção de sociedade que o movimento sonhava. [...] para uma organização política como o MST que se tornou uma organização política de massa ao incorporar muitos militantes e famílias expropriadas do acesso a terra a educação oferecida pelo Estado era incompatível com o projeto do movimento, porque se desejava uma educação que mostrasse os dois lados da moeda, que mostrasse o próprio direito de ocupar a terra. Então, a educação que estava aí não servia, portanto, se pensava numa educação diferente. Daí em diante a educação passou a possuir um valor fundamental dentro da luta e numa perspectiva de que para se avançar na luta também precisa-se de educação como um elemento também importante para impulsionar a luta. Obviamente que foram muitos anos para poder se consolidar a educação no MST. Muita luta também. [...] o Setor de Educação dentro do MST tem esse papel central e hoje é um dos mais atuantes, mais importantes dentro do MST, apesar dos outros setores serem importantes, a educação, ela é vista de uma forma especial. (ENTREVISTADA R. S. S. em 18/12/12, Coordenadora do Coletivo Estadual de Educação - MST/PE)

Questões como essas abordadas no relato expõem que a educação é um elemento necessário para avançar na luta porque não se pode fugir a ela numa organização política de massa, sobretudo porque se deve qualificar a formação dessa massa e a educação é, por conseguinte, uma ferramenta privilegiada para essa formação. Além disso, tais questões, muito embora não seja explicitado claramente no relato, são também indicadoras de quais as razões que levaram o MST a perceber que deveria se apropriar da prática educativa operada no movimento, que é justamente o entendimento de que não avançaria na sua luta central, a reforma agrária, imprescindível para mudança nas relações sociais no campo e enquanto estratégia de consolidação do projeto socialista que defende.

Caso não tornasse orgânica à sua luta central e ao seu projeto societário, a prática educativa veiculada no movimento tanto na escola, quanto nas diversas possibilidades inerentes ao campo educativo, o projeto maior do MST estaria imbuído de contradições na formação de sua própria base militante. A educação então compreendida como processo de formação humana, que guarda valores, intenções, perspectivas e concepções, se não estivesse comprometida em lastrear o terreno ideológico e político na base militante, responsável direto

pelas ações de luta e implementação do projeto do MST, essa luta central de maneira malograda apresentaria consequentemente bases frágeis e até contraditórias.

Por isso que carrega a educação/escola um sentido de ferramenta política com potencial a ser instrumentado para fortalecimento e adesão ideológica, cultural e comportamental como base de sustentação a favor de interesses e um determinado projeto de classe; ou seja, carrega a educação/escola aquele sentido pertinente aos aparelhos difusores de hegemonia. Nela radica elementos que possibilitam na compreensão do MST a construção de novos sujeitos sociais, o desenvolvimento de comportamentos e de novos valores dissonantes àqueles reconhecidamente vinculados ao *ethos* capitalista, bem como o despertar da consciência organizativa.

A educação deve ajudar a construir a nova MULHER e o novo HOMEM. Isso só é possível se ajudar a superar os hábitos negativos, como o individualismo, o autoritarismo, a acomodação, a corrupção, o personalismo e todos os outros *ismos* que atrapalham o avanço da organização e da luta. A escola deve ser o lugar da vivência e do desenvolvimento dos NOVOS VALORES, como o companheirismo, a solidariedade, o trabalho coletivo, a disposição de aprender sempre, [...] chegando a uma CONSCIÊNCIA ORGANIZATIVA (Caderno de Formação nº 18 – MST, 1992, p. 18)

Nesse sentido, a educação cumpre a função de um componente mediador de uma reforma intelectual e moral, ou seja, desempenha a função de ser um elemento contributivo para proporcionar uma constituição de um novo homem, um sujeito que detenha uma nova percepção da realidade - por isso sujeito de uma reforma intelectual – e ao mesmo tempo proporcione com base nessa percepção, uma outra intervenção e comportamento ante a realidade - por conseguinte sujeito de uma reforma moral.

Isso porque a ação educativa comporta um sentido filosófico de compreensão da realidade, de absorção dessa realidade, ainda que esse sentido filosófico não se revele de maneira inteiramente clara, mas indiscutivelmente tem relação indissociável com o movimento mais amplo da sociedade – uma relação de elo com o movimento da dimensão societária -, pois condiciona comportamento, assim não está separada uma determinada concepção da realidade de uma consequente e determinada intervenção prática sobre essa realidade. A função mediadora que recai sobre a educação para a reforma intelectual e moral de que despertou o MST é justamente de elevar, de maneira consequente e propositiva através

da formação educativa, sua base militante ao patamar donde se vinculam a atividade intelectual e a atividade prática.

Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *Home faber* do *Home sapiens*. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, uma participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento, [...] enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova continuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção de mundo. O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, [...] mas num imiscuir-se ativamente na atividade prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente” [...]. (GRAMSCI, 1986, p. 11)

O grande sentido para que a educação viesse a ser uma prioridade para o movimento diz respeito ao caráter fundamental de que carrega em viabilizar uma nova concepção de mundo, bem como pelo potencial que detém em difundi-la. Dessa forma a educação está sendo instrumentada como um aparelho de hegemonia, ou mais precisamente, como um aparelho inclinado a construção da contra-hegemonia, já que nas práticas em que se busca efetiva-la internamente no movimento, socializa visões de mundo e forma sujeitos políticos com capacidade de compreender a realidade para nela intervir. Diferentemente da perspectiva que correntemente é efetivada nas práticas em que se vinculam a educação tradicional, uma vez que está desenhada como forma de dominação ideológica para manutenção do ordenamento social sem abalos ou interferências por parte dos sujeitos políticos.

A educação vai ajudar porque vai estar formando as consciências, porque está se politizando, então, eles estão cada dia mais sabendo aonde vão, vendo seus horizontes mais claros, daí vai haver a transformação da sociedade. Porque cada vez que o companheiro, não só aprende a ler e escrever, mas a ter a consciência crítica do que é mais justo, ele vai interferir na sociedade e ter a capacidade de criticar e saber o que é melhor para ele. (ENTREVISTADA L. M. em 27/12/12, Coordenadora do Coletivo Estadual de Educação - MST/PE)

Destarte, o exame da questão informa que a educação para o MST passou a configurar internamento como um feixe de tensionamento político e sociocultural incidente sobre a base militante, em especial aquelas que vivenciam mais profundamente a prática educativa, como

crianças e jovens, isso com escopo a formar sujeitos com princípios, objetivos e comportamentos políticos que se coloquem em paralelo aos princípios, objetivos e comportamentos consoantes a ordem social sob a batuta do capital, já que o processo educativo nesse sentido intenta ser instrumentado como uma ferramenta capaz de produzir,

um determinado sujeito político e cultural, à medida que suas ações e sua forma de atuação na sociedade produz e reproduz um determinado modo de vida que ao mesmo tempo recupera e consolida e projeta valores, princípios, convicções e também determinado modo de conceber as relações sociais [...]. (WILLIAMS, 1979, p. 70)

Foi então a tomada de compreensão do MST, a partir do alcance da dimensão política de que se veste a educação, que o levou a buscar para si a responsabilidade de esboçar um determinado projeto educativo, de modo que esse determinado projeto estivesse imbricado ao seu escopo central e maior. Em suma, que estivesse, por conseguinte, a serviço da solidificação ideopolítica do projeto societário que advoga, cuja essa solidificação só pode ser alcançada na batalha das ideias com o projeto hegemônico dominante.

A análise dos documentos e registros orais acerca da inserção da educação como uma iniciativa a ser assumida imprescindivelmente pelo movimento ou dele sofrer injunções até tornar-se um de seus braços políticos, releva alguns eixos de aproximação entre o campo educativo (educação/prática educativa) e o projeto político do MST, manifestos então com: a intersecção entre a luta pela terra e a luta pela educação; a intersecção entre a escola e o próprio movimento; o entrelace entre o movimento e projeto educativo.

A intersecção entre a luta pela terra e a luta pela educação é dada pela exigência emergente do modo como o MST estrutura sua organização, posto que estruturado enquanto um movimento de massas não pode fugir ao processo do trabalho educativo, por isso precisou necessariamente absorvê-lo ou o deixaria sob a responsabilidade da condução pelo Estado imbuído por suas diretrizes, planejamentos, diretivas e perspectivas.

No que toca ao cruzamento entre a escola e o próprio movimento, que surge diante da exigência que se colocou na ordem do dia de desenvolver uma escola vinculada a si, trata-se de um processo que nasce a partir da constituição dos acampamentos e assentamentos em que a escola passou a fazer parte do cotidiano do MST e a ser vista como uma questão política,

como um elemento de fortalecimento da consciência organizativa, como parte da estratégia de luta pela reforma agrária. Dessa forma, a escola desenvolvida nos acampamentos e assentamentos deveria ter uma identidade entrelaçada com experiências educativas como as lutas, a organização, a mística, a produção, dentre outras experiências presentes no cotidiano do próprio movimento.

Por seu turno, quanto à intersecção existente no eixo que entrelaça MST, e projeto educativo, as costuras desse momento se projetaram porque o MST passou a se preocupar em absorver para estruturar e desenvolver o projeto educativo, as vivências, o conjunto das ações e perspectivas inerentes ao movimento. Isso como uma matricialidade pedagógica para esse projeto educativo - o qual propunha incorporar à sua dinâmica política e dirigir. A partir desse ponto o projeto educativo do MST passou a deter como perspectiva romper com o conceito mais tradicional de educação e, assim aproximar o processo educativo mais estreitamente à perspectiva de *formação*.

O sentido da educação passou então a estar justaposto ao sentido mais amplo de formação de membros, da formação humana e do sujeito político que integra a base do Sem Terra, por isso que a escola passou a ser também lugar de formação, bem como do mesmo modo, outros espaços do campo educativo também foram inseridos na dinâmica de formação. Para inserir o processo educativo à dinâmica de formação, o projeto educativo esboçou objetivos e princípios que se equalizaram com o projeto político do MST. Não obstante, é precisamente nesses objetivos que o projeto educativo ganha sentido e, outrossim, é em tais princípios que encontra sua fundamentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É dado que educação, escola, formação e as várias possibilidades do campo educativo apresentam sentidos aproximados, ou sentidos semelhantes na estruturação do projeto educativo do MST, que ora se equaliza com seu projeto político. A escola que ao mesmo tempo transmite, compartilha, elabora e socializa determinado conteúdo com finalidade educacional é também a mesma escola com fito de formar sujeitos políticos direcionados para

sustentação de um projeto político universal que, transponha as amarras corporativistas e conciliadoras com o capital de que se revestem muitas organizações políticas e movimentos sociais na contemporaneidade, bem como não esteja restrito unicamente aos interesses e necessidades imediatas do movimento.

Assim sendo, a escola do MST objetiva auxiliar na formação de um militante de um movimento que não luta apenas por terra. Destarte, a hipótese que logo se levanta é que em face do contexto contemporâneo em que se afigura o arrefecimento de lutas sociais e a emergência de organizações políticas com abandono da dimensão de transformação social ou projetos societários, o MST com base em seus princípios educativos, referencia sua proposta educativa no sentido de auxiliar numa formação militante que se coloca numa perspectiva de tensão e relativa contradição com a hegemonia capitalista.

Isso dado que o objeto de pesquisa diz respeito à relação entre o MST e a educação, ou campo educativo-formativo no terreno em que se costura a hegemonia.

REFERÊNCIAS

CALDART, R. S. **A pedagogia da luta pela terra: o movimento social como princípio educativo.** In: Reunião da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 23, 2000, Caxambu. Anais da 23ª Reunião ANPED, 2000, p. 07 - 14. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/23reuan.htm>> Acesso em: 12 mar. 2014.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura.** São Paulo: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1986.

MOVIMENTOS DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **Caderno de Formação n° 18 – MST: o que queremos com as escolas de assentamentos.** São Paulo: Ed. Expressão Popular, 1991.

WILLIAMS, R. **Cultura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.